

APOLÔNIO E PRISCIANO A SINTAXE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

1. *Introdução*

Este trabalho faz parte de um projeto maior que trata das primeiras gramáticas e de sua relação com as gramáticas atuais. Partimos dos primeiros tratadistas gregos, passamos pelos latinos e chegamos às nossas gramáticas normativas. Os excertos de Prisciano aqui citados tiveram quase todos e integralmente a leitura de Apolônio como fundamentação, tanto do autor latino quanto a nossa própria atividade (leitura, tradução e interpretação).

Trata-se de um relato de experiências, já que o trabalho foi desenvolvido com alunos dos primeiros anos do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins.

O norte teórico da proposta está calcado na Fenomenologia, uma vez que a história das gramáticas e seu desenvolvimento são compreendidos como fundo para a compreensão do fato linguístico. De modo secundário, mas não menos importante, baseamo-nos também na semiótica discursiva francesa, já que a interação é vista igualmente como base para a percepção e recepção de sentidos. Dessa forma, a noção do fundo histórico será sempre evidenciada, tendo igual evidência a noção de totalidade sistêmica ou sincrônica, já que a pancronia foi escolhida como referencial fenomenológico básico.

2. *Textos selecionados e relato da experiência*

O processo de trabalho foi desenvolvido procurando estimular os alunos a participarem de forma realmente efetiva das aulas de latim, posto que precisavam de um estímulo que relacionasse essa língua clássica com o seu fazer de professores. O caminho escolhido foi relacionar o fato diacrônico latino com o fato contemporâneo português, ou seja, a sintaxe apresentada por Prisciano e a sintaxe da gramática normativa contemporânea.

Foram feitas traduções do autor latino, relacionando-o tanto com as gramáticas que o sucederam quanto com Apolônio, seu mentor.

2.1. Definição de sintaxe

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. III, p. 107)

Já que nos livros anteriores seguimos a autoridade de Apolônio em relação às partes da oração, de modo geral, não negligenciando também os dados necessários de outros, seja dos nossos seja dos gregos, e, se nós mesmos pudermos acrescentar algo de novo, ainda seguindo, sobretudo, os passos do mesmo a respeito da ordenação ou construção das palavras – que os gregos denominavam “sintaxin”, não recusemos inserir, se algo conveniente for encontrado, tanto dos outros quanto dos nossos.

Bechara, 2005, p. 109

Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidades bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios.

2.2. Definição de oração

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. II, p. 53)

Oração é a ordenação conveniente de dicções que expressa um pensamento completo. No entanto, essa definição de oração é aquela que é geral, isto é, dividida em espécies ou partes. De fato, a oração é também denominada obra retórica, e, além disso, cada dicção é frequentemente designada por meio desse nome quando indica um pensamento pleno, como verbos no imperativo e as respostas, que frequentemente estão completas com apenas uma dicção, ainda que alguém diga “qual é o mais elevado bem em vida?”, e responda que é a “honestidade”, digo “respondeu com boa oração”.

Rocha Lima, 2005, p. 232

Frase é uma unidade verbal com sentido completo e caracterizada por entonação típica: um todo significativo, por intermédio do qual o homem exprime seu pensamento e/ou sentimento. Pode ser brevíssima, constituída às vezes por uma só palavra, ou longa e acidentada, englobando vários e complexos elementos.

Oração é a frase – ou membro da frase – que se biparte normalmente em sujeito e predicado.

A diferença entre frase e oração reside na forma: o grito ‘socorro!’ é uma frase, já que expressa um sentido completo; todavia, não é uma oração, pois para isso carece dos elementos de estrutura característicos da oração: não está partida em sujeito e predicado.

2.3. Definição de nome

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. III, p. 480 e 481)

O que é nome? Segundo Donato, parte da oração com caso que significa corpo ou ação de modo próprio ou comum; segundo Apolônio, parte da oração que revela em si mesma a qualidade própria ou comum dos seres singulares, corpóreos ou incorpóreos, empregados como sujeitos.

Rocha Lima, 2005, p.235

O sujeito é expresso por substantivo, ou equivalente de substantivo, sendo que substantivo é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam.

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. III, p. 55)

O nome é parte da oração que atribui a qualidade própria ou comum a cada um dos corpos ou ações empregados como sujeito.

Apolônio (*Apud* UHLIG, 1910, 103, 17)

O nome é parte da oração que designa a qualidade comum ou própria de cada um dos corpos ou ações empregados como sujeito.

Apolônio (*Apud* UHLIG, 1910, 135, 9)

Os nomes compreendidos de maneira epítética são estabelecidos depois dos sujeitos, e em nenhum caso os sujeitos depois dos epítetos, por exemplo, o nome ‘homem’ não procura o nome ‘eloquente’, e sim o nome ‘eloquente’ o nome ‘homem’.

Apolônio (*Apud* UHLIG, 1910, 101, 13)

Está claro que, por meio da sintaxe nominal, procuramos a essência do sujeito (esta, de fato, somente os pronomes representam, dela expondo os fatos subsequentes por meio de seus demonstrativos, e, por isso, para todo sujeito de dirigem).

2.4. Relação entre nome e verbo (essenciais)

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. III, p. 107)

Assim, portanto, a oração se torna perfeita por meio da ordenação adequada; dessa maneira, por meio da ordenação adequada, as partes da oração são transmitidas por doutíssimos conhecedores da arte da palavra, em primeiro lugar colocaram o nome; em segundo, o verbo, pois nenhuma oração sem esses está completa, o que pode ser demonstrado pela construção que contenha quase todas as partes da oração.

Apolônio (*Apud* UHLIG, 1910, 11b, 6-14):

A ordenação é a imagem da oração completa, rigorosamente, em primeiro lugar, coloca o nome, depois o verbo, pois sem esses a oração não está completa. Agora, unem-se seguramente por meio da sintaxe, que se ocupa das partes da oração, e, por causa dela, quando ou o nome ou o verbo é retirado, as partes da oração não se completam; se, entretanto, todas as restantes forem retiradas, de forma alguma a oração estará incompleta.

Rocha Lima, 2005, p. 235

Nas gramáticas atuais, a relação nome/verbo é descrita de outra forma: sujeito/predicado. A saber, em sua estrutura básica, a oração consta de dois termos: sujeito, o ser de quem se diz algo; predicado, aquilo que se diz do sujeito.

2.5. Importância da significação

Prisciano (*Apud* KEIL, 1866, v. II, p. 54 e 55)

As partes da oração não podem ser distinguidas entre si de outra maneira, a não ser que estejamos atentos às propriedades das significações de cada uma.

Apolônio (UHLIG, 1920, 33, 9)

Há uma analogia entre a oração e o animal; da mesma forma que o animal tem corpo e alma, também a oração tem corpo e alma; correspondem ao corpo a dicção, a frase e a sintaxe; à alma, o significado.

Bechara, 2005, p. 29

Quanto à importância da semanticidade, podemos dizer que ela existe, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é sema.

3. Conclusão

A partir da tradução e da leitura desses textos, aplicamos as ilações e as inferências resultantes para a análise de frases de Mário de Andrade, retiradas da obra *Contos Novos*. E, a partir dessa conjunção, foram discutidos vários tópicos referentes ao ensino do português, levando em

conta a importância do contexto, tanto o histórico quanto o sistêmico, para a compreensão do fenômeno linguístico. O latim foi então estudado com interesse e prazer, e o desejo de conhecer o fato linguístico latino se tornou realidade, posto que foi percebido como falta, ou seja, como lacuna a ser preenchida para o real conhecimento do fato linguístico português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KEIL, H. *Grammatici latini*. Lipsiae: Aedibus B.G. Teubneri, 1866.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- ARNAULD, Antoine. *Gramática de Port-Royal / Arnauld e Lancelot*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ARNAULD e LANCELOT. *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Républications Paulet, 1969 (avec les remarques de Duclos et préface de Michel Foucault).
- BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- HAUY, Amini B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- HOLTZ, Louis. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Paris: C.N.R.S., 1981.
- JESPERSEN, Otto. *La philosophie de la grammaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971.
- KEIL, H. *Grammatici latini*. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1866.
- LALLOT, Jean. *La grammaire de Denys le Thrace*. Paris: C.N.R.S., 1989.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Vienne: G. E. Stechert & Co., 1923.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1987.

OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *A gramática de Dionísio Trácio e seus contrapontos semânticos*. Campo Grande: Oeste, 2011.

QUINTILIANUS, M. Fabius. *Instituto Oratoriae*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d.

ROBINS, R. H. *Ancient & Mediaeval Grammatical Theory in Europe*. London: G. Bell & Sons Ltd., 1951.

ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysic*. Oxford: Oxford University Press, 1953 (1. ed., 1924).

UHLIG, Gustavus. *Dionysii Thracis Ars Grammatica*. Lipsiae: in Aedibus B. G. Teubneri, 1883.